



Apresentação

O número que ora a Revista Eletrônica *Nau Literária* oferece aos leitores coloca em tela um dos grandes nomes da Literatura Portuguesa de todos os tempos: amado por uns, odiado por outros, por suas posições polêmicas, sobretudo sobre religião ou sobre a luta internacional contra o terrorismo, e reconhecido por todos como o grande escritor que é. Trata-se do Prêmio Nobel de Literatura de 1998.

Entre crônicas, poesias, teatro, literatura de viagem, autobiografia e contos (entre eles o primoroso “O Conto da Ilha Desconhecida” (1997) , José Saramago, que já publicara *Terra do Pecado*, em 1947, verdadeiro fracasso editorial, surge para a chamada "fase luminosa" do romance – que se estende de *Levantado do Chão* (80) a *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (91) –, redescobrimo a vertente histórica do romance português, inserindo-o numa zona de ruptura. Quer dizer: o escritor adere à História oficial de Portugal para revelar outras histórias, apontando para a "contra-imagem", presentificando o passado à luz do olho crítico do presente.

A interpenetração da verdade e da ficção está no convívio das personagens históricas e ficcionais, mas está, também, na própria feitura do texto. *Memorial do Convento* (82) tem traços do romance histórico tradicional na reconstituição do Portugal barroco apoiada nas fontes e na semelhança com a crônica, na forma de narrar e, inclusive, no léxico. A ruptura ocorre na medida em que não trata de simples história romanceada, mas de uma produção que se afirma ficcional, como ficcional se afirma *Levantado do Chão* (80), a grande “epopéia social do Alentejo”.

Ao tematizar a elaboração de Fernando Pessoa, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (84), José Saramago lhe dá uma nova existência, projetando-a numa narrativa que crítica o passado lusitano. É a mesma postura diante da História, a mesma indicação da "contraimagem", que vai levar o leitor a encontrar em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (91), numa história conhecida, uma outra história, porque resultado de uma interpretação pessoal, iconoclasta, criadora e anticanônica. É, entretanto, em *História do Cerco de Lisboa* (89), que a História se relativiza de forma explícita. Aí, como em *Memorial do Convento*, Saramago traz à ficção os heróis sem nome, os excluídos da História.

Ensaio sobre a Cegueira (95) inaugura uma nova fase na carreira do escritor, a alegórica. Fazem parte desta fase: *Todos os Nomes* (97), *A Caverna* (00), *O Homem Duplicado* (02), *Ensaio sobre a Lucidez* (04), até *As Intermitências da Morte* (05). Se na

primeira fase, a reescrita paródica subverte a leitura oficial, buscando, como afirma, “corrigir a História”, na segunda – através de reflexões sobre o mundo em que vivemos, suas transformações e as perdas que implicam –, o autor faz com que sua obra assuma uma função simultaneamente filosófica e ideológica, quase uma proposta de um novo humanismo.

Some-se a isso o fato de a obra de Saramago estar impregnada da revolução narrativa do séc. XX, e, aí, o autor confunde-se com o narrador para, impondo sua própria voz, tomar para si toda a responsabilidade do processo ficcional. Na verdade, o narrador de José Saramago torna-se um dos mais criativos e apaixonantes da literatura do último século. “Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores.” Diz ele em *A Jangada de Pedra*.

Os artigos que aqui se apresentam passam a limpo essa obra e o “difícilimo ato de escrever”. São diferentes recortes, diferentes perspectivas, uma contribuição importante em que estudantes portugueses e brasileiros projetam olhares inquietantes sobre a obra de José Saramago, lançando sobre ela outras possibilidades de interpretação. Deixemos, pois, que eles falem...

Jane Tutikian

(Organizadora do Dossiê)